

Triste Fim de Policarpo Quaresma

Uma história de Lima Barreto





Sumário

1. Análise da Obra – 1
2. Importância da Obra – 2
3. Principais Personagens – 4
4. Cap.1 – O Nacionalista – 6
5. Cap.2 – O Agricultor – 8
6. Cap.3 – O Militar e o Fim Trágico – 10
7. Conclusão – 12
8. Contexto histórico – 13
9. Referências – 16

1. Análise da Obra "Triste fim de Policarpo Quaresma"

Lima Barreto, em seu romance Triste Fim de Policarpo Quaresma, publicado em 1915, constrói uma crítica ácida à sociedade brasileira do final do século XIX. O protagonista, Policarpo Quaresma, é um homem profundamente patriota e idealista, que se decepciona sucessivamente com a realidade política, social e cultural do Brasil. A narrativa é dividida em três partes, cada uma marcando um momento da trajetória do personagem, culminando em seu trágico desfecho.

2. Importância da Obra

Quando foi publicada em 1915, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* não recebeu o devido reconhecimento imediato. Lima Barreto, que já era um crítico das elites intelectuais e políticas da época, encontrou resistência no meio literário dominado pelo academicismo. No entanto, com o passar dos anos, a obra se consolidou como um dos grandes clássicos da literatura brasileira por sua crítica social afiada e sua representação realista do Brasil.

O livro é fundamental porque questiona aspectos estruturais da sociedade brasileira que continuam relevantes até hoje, como a corrupção, a desigualdade social, o elitismo e a dificuldade de se promover mudanças reais. Além disso, ao criar um protagonista tão idealista e, ao mesmo tempo, tão ingênuo, Lima Barreto expõe a dificuldade de conciliar patriotismo e realidade, um dilema que persiste na identidade nacional.

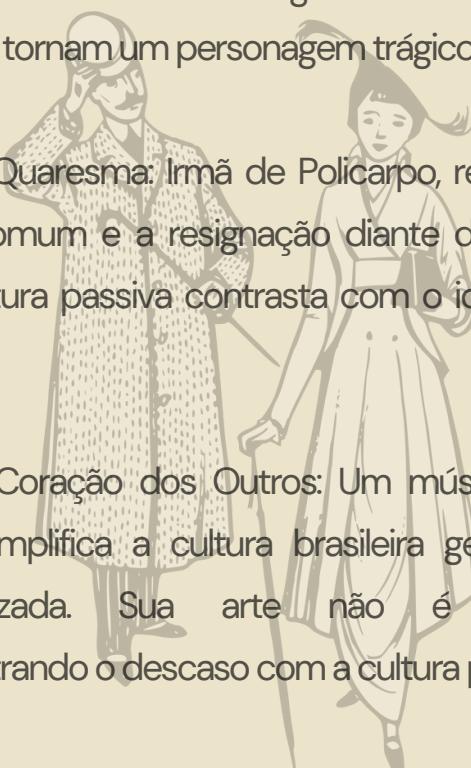
A escrita de Lima Barreto, acessível e direta, contrasta com o formalismo da época e torna a obra mais próxima do público geral. Seu olhar crítico e a profundidade psicológica dos personagens fazem com que a história de Policarpo Quaresma continue a ser discutida e analisada em diversos contextos acadêmicos e sociais. A obra é um lembrete poderoso de como os sonhos de transformação podem ser esmagados por uma sociedade resistente a mudanças, e, por isso, segue sendo um livro essencial para compreender o Brasil.



3. Principais Personagens



Policarpo Quaresma: Um patriota idealista e obstinado, cuja fé no Brasil o leva a enfrentar fracassos sucessivos. Sua ingenuidade e dedicação ao país o tornam um personagem trágico.

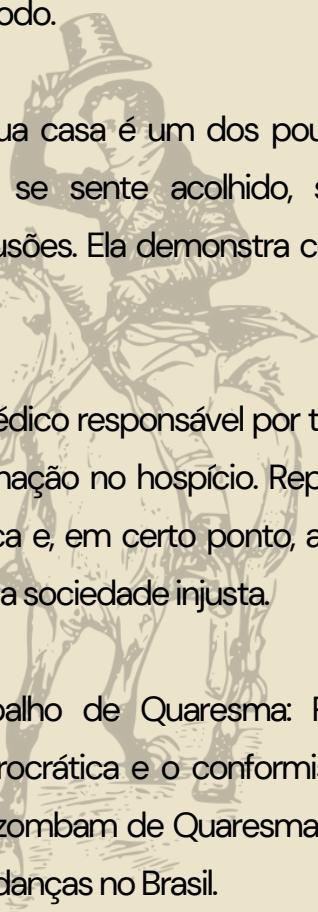


Olímpia Quaresma: Irmã de Policarpo, representa o senso comum e a resignação diante da realidade. Sua postura passiva contrasta com o idealismo do irmão.

Ricardo Coração dos Outros: Um músico popular que exemplifica a cultura brasileira genuína, mas marginalizada. Sua arte não é valorizada, demonstrando o descaso com a cultura popular.



General Floriano Peixoto: Figura histórica que aparece no romance, representando a dureza e a inflexibilidade do regime republicano. Sua presença reforça o caráter autoritário do período.



Dona Adelaide: Sua casa é um dos poucos ambientes onde Quaresma se sente acolhido, simbolizando o refúgio de suas ilusões. Ela demonstra certa compaixão pelo protagonista.

Dr. Campos: O médico responsável por tratar Quaresma durante sua internação no hospício. Representa a visão científica da época e, em certo ponto, a impotência da medicina diante da sociedade injusta.

Colegas de Trabalho de Quaresma: Representam a mediocridade burocrática e o conformismo social. São funcionários que zombam de Quaresma e simbolizam a resistência às mudanças no Brasil.

4. O Nacionalista

A narrativa começa apresentando Policarpo Quaresma como um funcionário público meticuloso e patriota. Ele é um homem de meia-idade, solteiro e extremamente dedicado ao estudo da cultura brasileira. Seu grande sonho é ver o Brasil se tornar uma nação desenvolvida e reconhecida. Sua casa está repleta de livros e documentos que exaltam o país, e ele passa boa parte do tempo estudando suas riquezas naturais, a cultura indígena e a história nacional.



Quaresma decide levar sua paixão ao extremo e propõe que a língua oficial do Brasil seja o tupi-guarani. Ele redige um requerimento formal ao governo, defendendo a tese de que o português é um vestígio da colonização e que o Brasil deve resgatar suas raízes autênticas. A ideia causa espanto e zombaria entre seus colegas de trabalho e na sociedade. O resultado é que Quaresma se torna alvo de piadas e, pouco tempo depois, tem um colapso nervoso devido à pressão social e ao isolamento que sua ideia lhe impôs. Como consequência, ele é internado em um hospício, onde passa por meses de sofrimento e solidão. Durante esse período, Quaresma percebe que sua visão de mundo não é compartilhada pela sociedade e que sua crença no patriotismo puro o torna um estranho em seu próprio país.

5. O Agricultor

Após sair do hospício, desiludido com a burocracia estatal e a mentalidade retrógrada do governo, Quaresma decide abandonar sua carreira e investir na agricultura. Ele compra um sítio chamado "Sossego" e acredita que poderá transformar o Brasil ao provar que a terra brasileira é fértil e capaz de sustentar o progresso econômico sem depender de importações estrangeiras.

Inicialmente, ele se entusiasma com a nova vida e tenta implantar técnicas modernas de cultivo, mas logo se depara com uma série de dificuldades: a falta de mão de obra qualificada, a resistência dos trabalhadores rurais em aceitar mudanças e a corrupção que envolve o fornecimento de insumos agrícolas. Além disso, ele enfrenta pragas, condições climáticas adversas e a total negligência do governo em apoiar o setor agrícola.

Aos poucos, Quaresma percebe que seu sonho de transformar o Brasil pela agricultura é inviável. Ele se frustra ao notar que o país não está preparado para evoluir, pois o sistema é viciado e desfavorece qualquer tentativa de mudança. Sentindo-se derrotado, ele decide vender o sítio e retornar à cidade.



6 · O Militar e o Fim Trágico

Na última parte do livro, Policarpo Quaresma, mesmo abatido pelas desilusões anteriores, ainda mantém um resquício de esperança de que o Brasil pode melhorar. Dessa vez, ele deposita sua confiança no governo militar de Floriano Peixoto, acreditando que a ordem e a disciplina do Exército poderão consertar as falhas do país.

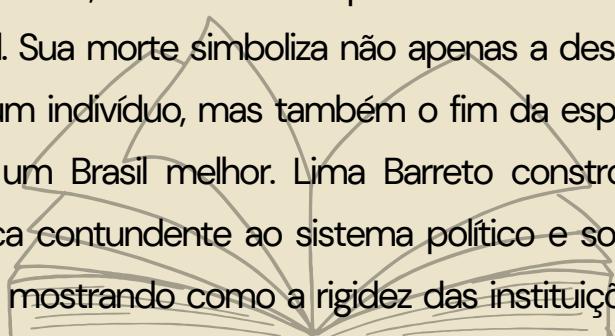
Ele se alista como voluntário na repressão à Revolta da Armada, um conflito entre militares da Marinha e do Exército. No entanto, ao presenciar a brutalidade e os abusos cometidos pelo governo, Quaresma começa a questionar suas próprias crenças. Ele se desilude ao perceber que Floriano Peixoto governa com mão de ferro, perseguindo opositores e reprimindo qualquer tentativa de questionamento.

Policarpo, fiel a seus princípios, tenta denunciar os abusos e injustiças do governo. No entanto, suas palavras são vistas como traição e ele é preso sob a acusação de conspirar contra a República. Isolado na prisão, ele percebe que sua vida foi marcada por equívocos e que seu amor incondicional pelo Brasil não foi correspondido. Ele é condenado à morte e fuzilado sem qualquer tipo de reconhecimento ou glória.





7. Conclusão



O romance evidencia o quanto cruel pode ser a realidade para aqueles que, como Policarpo Quaresma, dedicam-se apaixonadamente a um ideal. Sua morte simboliza não apenas a destruição de um indivíduo, mas também o fim da esperança por um Brasil melhor. Lima Barreto constrói uma crítica contundente ao sistema político e social do país, mostrando como a rigidez das instituições e a resistência às mudanças levam ao fracasso de projetos idealistas. Assim, *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* continua relevante, pois reflete questões ainda presentes na sociedade brasileira.



8. Contexto Histórico

A obra foi escrita em um período de profundas transformações no Brasil. A transição do Império para a República, ocorrida em 1889, trouxe grandes expectativas de mudanças políticas e sociais, mas, na prática, a nova forma de governo manteve muitas das estruturas arcaicas da monarquia, como a concentração de poder nas mãos de elites agrárias e militares.

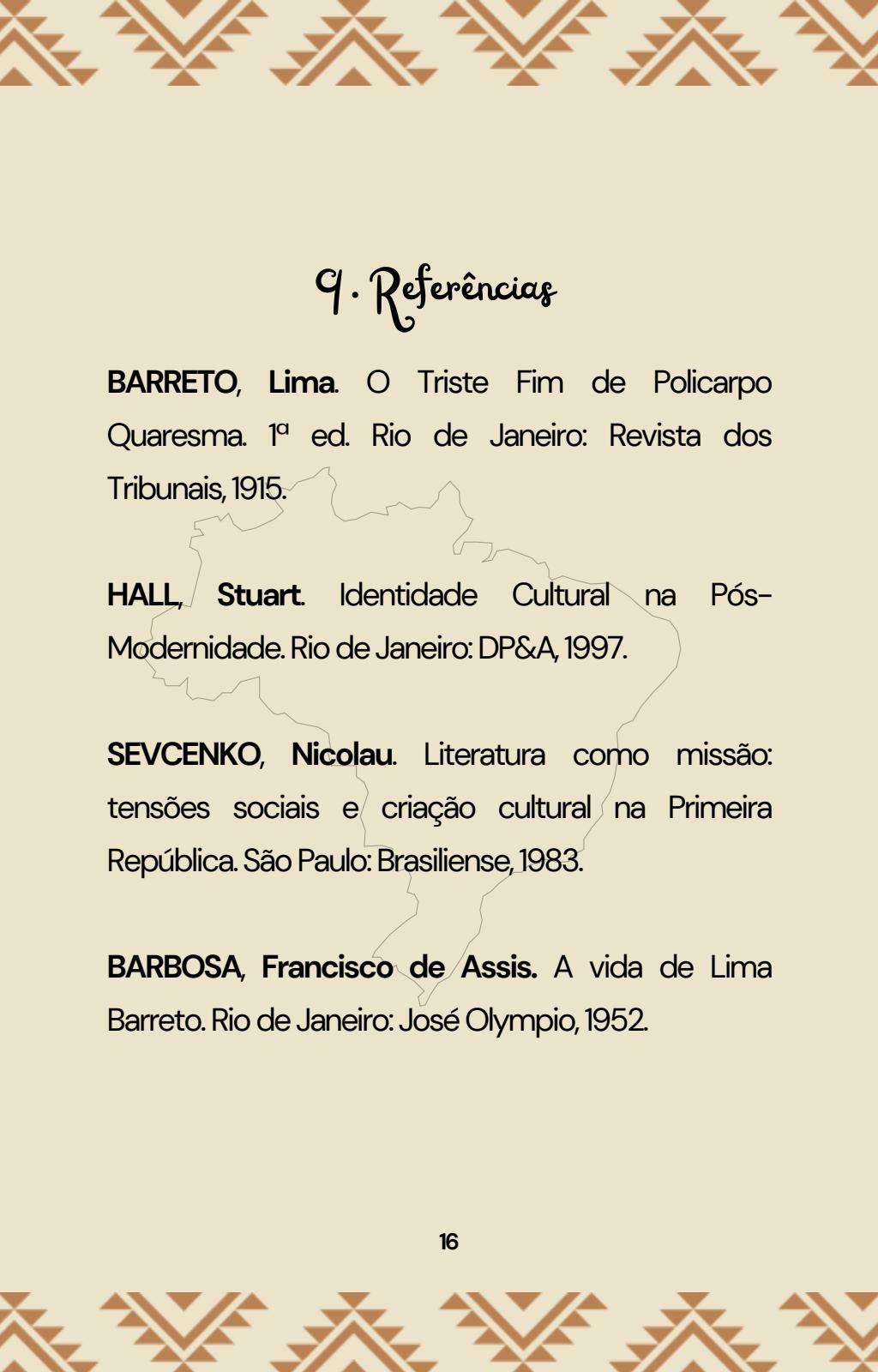
O governo de Floriano Peixoto (1891-1894), que é retratado na obra, ficou marcado por seu autoritarismo e pela repressão violenta contra opositores, especialmente durante a Revolta da Armada, conflito militar em que Quaresma se envolve. O período republicano também viu o crescimento da burocracia estatal, da corrupção e do clientelismo, elementos amplamente criticados por Lima Barreto.

Além disso, havia um forte debate sobre a identidade nacional brasileira. O Brasil ainda carregava as marcas da colonização portuguesa e da escravidão, abolida apenas em 1888. Movimentos como o nacionalismo exagerado de Policarpo Quaresma tentavam resgatar uma identidade genuinamente brasileira, mas, como mostra a obra, esbarravam na dura realidade de um país marcado por desigualdades e problemas estruturais profundos.

A sociedade retratada no romance também é extremamente hierárquica e excludente. A elite política e econômica mantém o controle sobre as decisões do país, enquanto as camadas mais pobres são relegadas à marginalização. Essa desigualdade fica evidente na segunda parte do livro, quando Quaresma tenta modernizar a agricultura, mas se depara com um sistema que privilegia os grandes latifundiários e dificulta qualquer iniciativa de reforma.

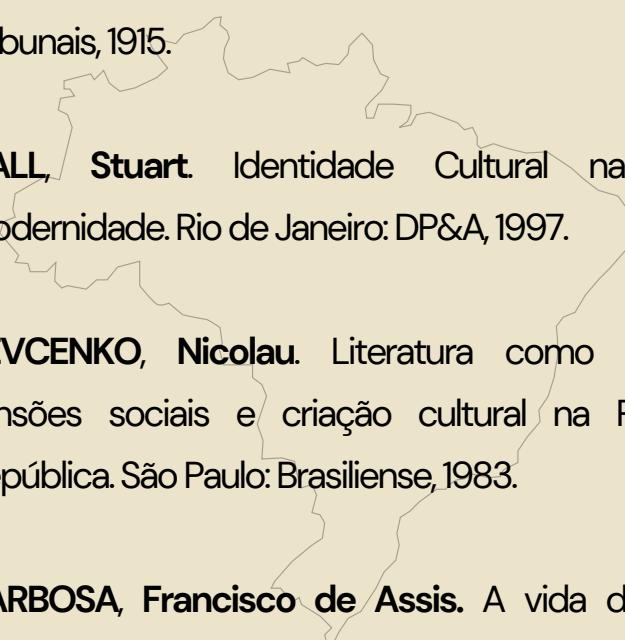
Lima Barreto, que era negro e de origem humilde, também utiliza a obra para denunciar o racismo e a hipocrisia social da época. Ele próprio sofreu preconceito e viu de perto as dificuldades enfrentadas pelos mais pobres e pelos intelectuais que não pertenciam às elites tradicionais.





9. Referências

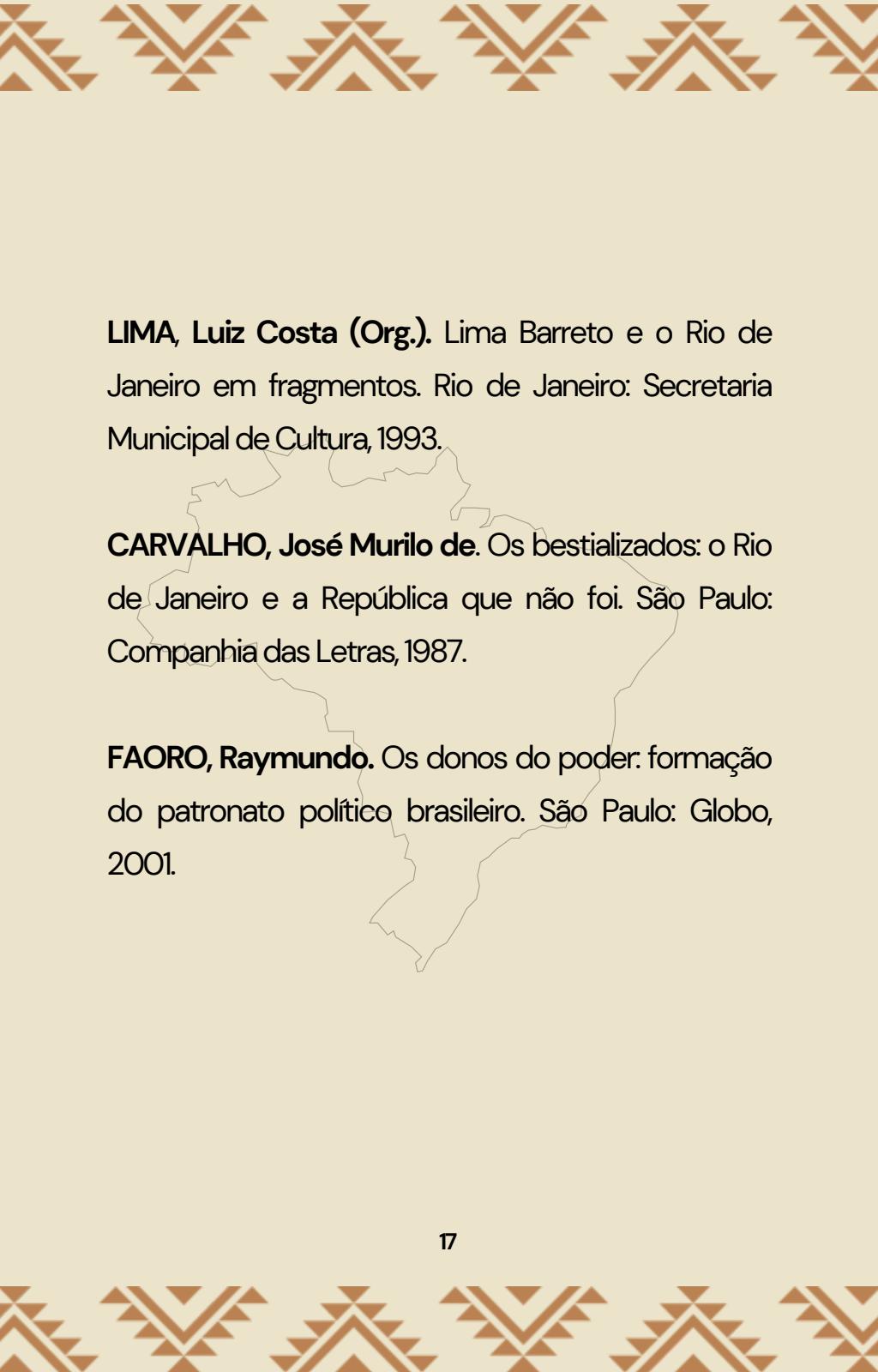
BARRETO, Lima. O Triste Fim de Policarpo Quaresma. 1^a ed. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1915.



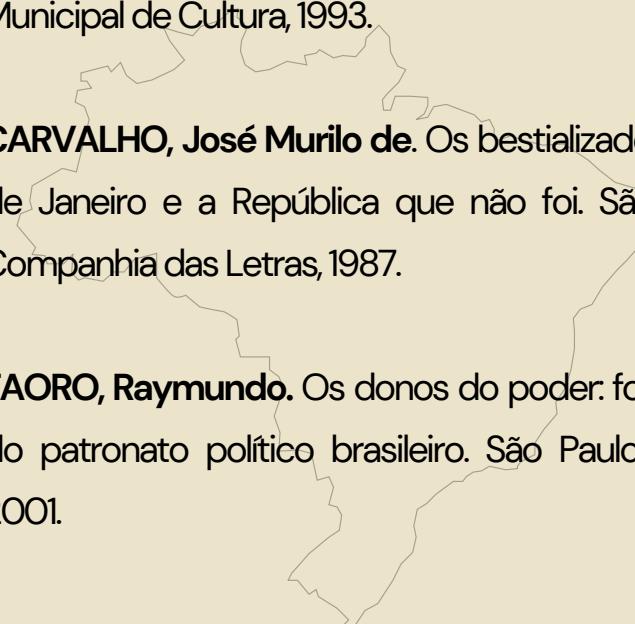
HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.



LIMA, Luiz Costa (Org.). Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.



CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



FAORO, Raymundo. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2001.